

# Cinatti, Rambois e Pereira Cão e a pintura-decorativa do Palácio Angeja-Palmela no Paço do Lumiar

## Cinatti, Rambois, and Pereira Cão and Decorative Painting in the Palace of Angeja-Palmela in the Paço do Lumiar

MIGUEL LEAL\*

### RESUMEN

*Na zona do Paço do Lumiar, outrora fora de Lisboa, encontra-se o Palácio Angeja-Palmela, edifício palaciano do século XVIII, construído no post terramoto de 1755. Nos seus interiores encontramos uma decoração realizada em pintura a fresco e que podemos atribuir à tríade Cinatti, Rambois e Pereira Cão, cenógrafos e pintores-decoradores da Lisboa de Oitocentos. O palácio, os seus jardins e a sua decoração interior respiram uma atmosfera romântica que é visível na pintura decorativa dos seus interiores, encomenda do seu antigo proprietário D. Domingos de Sousa Holstein, segundo duque de Palmela.*

### ABSTRACT

*In the site of Paço do Lumiar, we find the Angeja-Palmela palace, a building of the XVIII century, built after the Lisbon earthquake of 1755. Inside the palace we find a fresh paintings decoration made by Cinatti, Rambois and Pereira Cão, Lisbon's set designers and decorative painters of the XIX century. The palace, the gardens and its interior decoration breath a romantic atmosphere that we perceive in the respective mural paintings, a commission of its former owner, D. Domingos de Sousa Holstein, second duke of Palmela.*

---

\* Licenciado em História. Mestre em História da Arte Contemporânea. Doutorando em História da Arte Contemporânea. Investigador do IHA-Estudios de Arte Contemporânea. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa.

O viajante que atravesse hoje a zona do Paço do Lumiar e parte do bairro mais alargado que constitui a sua freguesia só com muita dificuldade poderá imaginar o que constituía este arrabalde da capital em meados do século XIX. Há muitos séculos que esta zona era procurada como local de refresco, de veraneio, e de construção de variados palácios e palacetes nas muitas quintas de recreio que rodeavam Lisboa. Hoje, com a exceção de parte do Lumiar antigo, que ainda resiste, e dos luxuriantes jardins que envolvem os Museus do Teatro e do Traje, constituindo um verdadeiro oásis que vai resistindo à fúria do camartelo, à especulação imobiliária e aos mal alinhados bairros (mistura de condomínios fechados, com outras realidades mais suburbanas e com origem rural no mundo saloio que rodeava Lisboa), é difícil conceber aquele tempo e aquelas paisagens. Local, no século XIX, de habitação sazonal da aristocracia, de abastados burgueses e de muito povo rural, o Lumiar estava perto da capital, da Corte e das suas itinerâncias e suficientemente resguardado para servir de refúgio deleitoso para o ócio e a arte de bem viver. E foi isso que fizeram os Angeja, os Palmela e muitos outros, entre as principais figuras representantes da aristocracia de Oitocentos.



*Palacio Angeja-Palmela no Paço do Lumiar.*

O Palácio Angeja-Palmela, assim conhecido por ter passado da primeira para a segunda família, foi mandado construir por D. Pedro José de Noronha e Camões de Albuquerque Moniz e Sousa, 4º conde de Vila Verde e 3º marquês de Angeja no último quartel do século XVIII, no terreno onde antes se encontrava um paço do século XIII, que pertencera a D. Afonso Sanches, filho bastardo de D. Dinis<sup>1</sup>. Em 1840, D. Pedro de Sousa e Holstein (1781-1850), primeiro marquês de Palmela (mais tarde elevado à categoria de duque), adquire este palácio à herdeira da casa Angeja, D. Mariana de Castelo Branco. O palácio é remodelado e é inaugurado em 1841, com pompa e circunstância em duas brilhantes festas.

É contudo com o segundo<sup>2</sup> duque e marquês do Faial, D. Domingos de Sousa Holstein (1818-1864) que o palácio receberá de novo obras, que beneficiam em muito o edifício e o jardim, mandando construir, entre outros melhoramentos, o pavilhão neogótico para viveiro de aves (actualmente transformado em restaurante do Museu). Nesta campanha arquitectónica e decorativa, este aristocrata culto, contrata a parceria Cinatti (1808-1879), Rambois (c. de 1818-1882) e Pereira Cão (1841-1921) que trabalharão na nova campanha decorativa do palácio. Na verdade as relações entre Cinatti e os Palmela já vinham do tempo do 1º duque tendo sido continuadas por D. Domingos, que a este artista fez várias encomendas, nomeadamente para o Palácio do Paço do Lumiar<sup>3</sup>. Joana Cunha Leal<sup>4</sup> estudou com profundidade as encomendas que os Palmela fizeram a Cinatti, sobretudo no âmbito da arquitectura. Estas abarcam uma profunda colaboração que vai desde a remodelação e acrescentos no palácio do Calhariz (Lisboa), passando pelo panteão monumental do cemitério dos Prazeres, até ao projecto não concretizado para a Quinta do Lumiar. Contudo, na sua tese de mestrado, esta historiadora de arte não se debruça tanto sobre a pintura decorativa. É Esteves Pereira, que nos faz assegurar sem qualquer margem de dúvida a autoria das pinturas a fresco dos interiores deste palácio do Lumiar: Cinatti, Rambois e Pereira Cão.

Quem são estes artistas Oitocentistas que andam tão esquecidos?

Giuseppe Luigi Cinatti (Siena, 1808; Lisboa, 1879) estudou arquitectura com o seu pai na Academia de Belas Artes de Milão e trabalhou como cenógrafo em Lyon<sup>5</sup>. Veio para Portugal em 1836 por intermédio de Francesco A. Lodi para tra-

---

<sup>1</sup> Vide a entrada «Angeja-Palmela (Palácio)», pp. 66-67 in AAVV, *Dicionário da História de Lisboa*, Dir. de Francisco Santana e Eduardo Sucena, Lisboa, Gráfica Europam, Lda., 1994.

<sup>2</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>3</sup> Vide Joana Esteves da Cunha Leal, *Giuseppe Cinatti (1808-1879): Percurso e Obra*, tese de mestrado em História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1997. Vide Vol. I, pp. 110-129.

<sup>4</sup> *Idem, ibidem.*

<sup>5</sup> Vide José Manuel Pedreirinho, *Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Século I' à Actualidade*, Edições Afrontamento, Porto, 1994, pp. 85-86 e também Joana Cunha Leal, *Ob. Cit.*

balhar nos cenários de S. Carlos. É neste teatro que se associa a Achile Rambois, também ele cenógrafo, parceria que se manterá até à morte do primeiro. Cinatti foi muito procurado pelos seus trabalhos enquanto arquitecto e podemos citar, entre muitos outros, para além das encomendas que satisfez para a família real, os inúmeros palacetes neoclássicos que projectou ou decorou para grande parte da elite Oitocentista: Bessone, José Maria Eugénio, Manuel Nunes Correia-Almedina, Anjos, José Maria Ramalho, Barão de Quintela, Conde de Castelo Melhor ou, os restauros, tal como o que projectou para a famigerada torre dos Jerónimos, que caiu em 1878.

Achile Rambois (Milão, c. de 1818; Lisboa, 1882), foi o seu companheiro inseparável<sup>6</sup>. Contratado também por F. A. Lodi veio para Lisboa em 1834, cidade na qual trabalharia até à sua morte. Aqui conheceu o seu compatriota e aquele que viria a ser o seu *compagnon de route*, a quem se ligou por profundos laços de amizade. Especializado em cenários de arquitectura trabalhou para o S. Carlos e em colaboração com Cinatti em muitas das obras de arquitectura, decoração, pintura-decorativa, restauro e arquitectura efémera, tais como as decorações que realizou para as festas da exposição das flores no Passeio Público, em 1854; para as cerimónias do casamento do Rei D. Luís; ou para as exéquias da Rainha D. Maria II, em S. Vicente de Fora, em 1853.

A esta parceria se juntaria o jovem setubalense, José Maria Pereira Júnior (1841-1921), Pereira Cão<sup>7</sup>, de seu nome artístico, que a partir de meados da década de 50, conhecerá aqueles mestres e com os quais trabalhará nos restauros do palácio da Ajuda, aquando do casamento do Rei D. Luís I com a princesa D. Maria Pia de Sabóia, e enquanto cenógrafo no S. Carlos. Esta sua condição de discípulo e colaborador manter-se-á durante quase vinte anos. A partir de então a sua carreira revelar-se-ia imparável. O próprio Cinatti emancipará este seu discípulo predilecto<sup>8</sup>, que se tornará num pintor reconhecido e prestigiado nas suas di-

<sup>6</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>7</sup> Sobre a biografia de Pereira Cão veja-se em primeiro lugar Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Portugal. Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Bibliográfico, Numismático e Artístico Ilustrado*, Lisboa, 1904-1915, sete vols., Vol. V, pp. 315-323; Fran Paxeco, *Setúbal e as suas Celebridades*, Oficinas S.N. de Tipografia, 1931, pp. 315-323 (baseada na biografia anterior); Óscar Paxeco, *Roteiro do Tríptico de Luciano*, Lisboa, Neogravura, 1957, pp. 75-76; Fernando de Pamplona, *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que Trabalharam em Portugal*, Lisboa, Oficina Gráfica Limitada, 1957, Vol. III, pp. 204 e 210; Michael Tannock, *Portuguese 20 th Century Artists. A Biographical Dictionary*, West Sussex, Phillimore & Co Ltd., 1978, pp. 36 e 127 e ainda a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Limitada, s/d, Vol. XXI, pp. 191 e 228.

<sup>8</sup> Afirma Esteves Pereira: «Em seguida aquelle triumpho artístico, Cinatti, que durante mais de 18 annos acompanhara com o sincero entusiasmo da sua grande alma d' artista, os progressos sempre crescentes do discípulo querido, indicou-o ao visconde de S. Lazaro, de Braga, para ir ali decorar o seu sumptuoso palácio», in *Dicionário. Portugal ...*, Vol. V, p. 635. Pereira Cão sobreviveria aos seus mestres por mais quarenta anos. Ao longo da sua vida, 1841-1921, manteve-se activo durante mais de sessenta

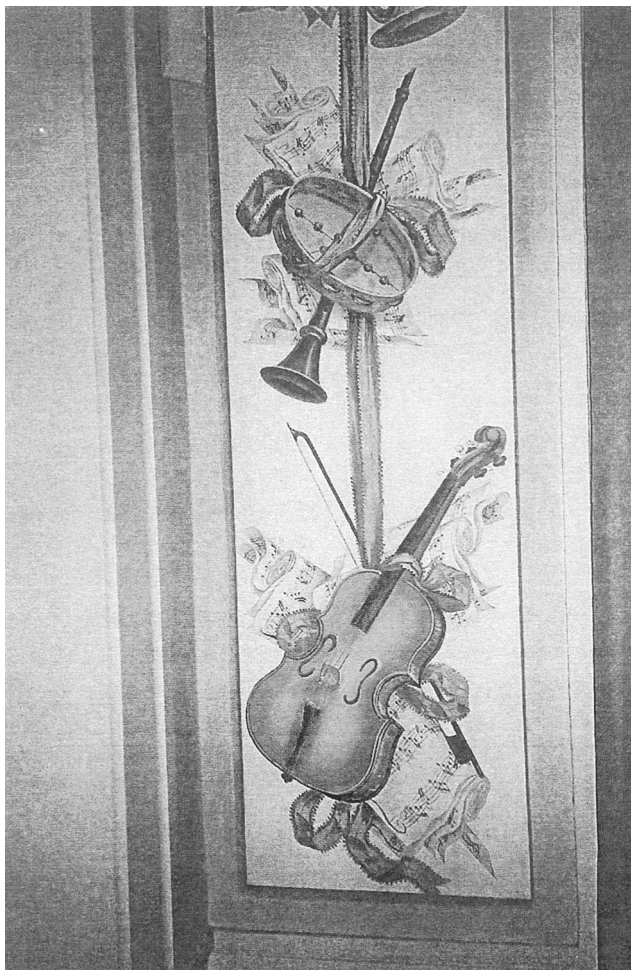
versas facetas artísticas: a de cenógrafo, a de pintor-decorador, a de pintor de caveleiro, a de azulejista, tendo-se mantido activo durante mais de sessenta anos. A parceria Cinatti-Rambois foi inseparável e é muitas vezes difícil distinguir o que se atribui a um e a outro<sup>9</sup>. Vindos de Itália, depois de terem atravessado Espanha e França, estabeleceram-se em Portugal, tendo neste país trabalhado até à sua morte. Inicialmente cenógrafos do teatro de S. Carlos, foram satisfazendo encomendas enquanto arquitectos-amadores (num País conturbado e tão carenciado de Academias e de profissionais), pintores-decoradores e restauradores, numa época em que a arte, a arquitectura, o restauro e a arqueologia se confundiam e se comunicavam. Esta condição de amadores, visto que para tal não possuíam uma formação específica ou um diploma, não impediu que realizassem obras de altíssimo nível, muitas vezes superando muitos dos seus correlegionários contemporâneos. Os dois mestres italianos eram muito conhecidos na Lisboa de então e na sociedade portuguesa da época, sobretudo, inicialmente, devido aos cenários idealizados para o S. Carlos e depois nas diversas encomendas que foram realizando para a elite Oitocentista. Após uma primeira metade de século muito conturbada, Portugal viveu momentos artísticos de excepção, sobretudo a partir do casamento do rei D. Luís I com D. Maria Pia, que atraiu a Portugal uma série de artistas notáveis, na maioria franceses e italianos, que vieram injectar sangue novo num meio artístico parcialmente parado, antiquado e sonolento.

A pista que nos conduz à autoria dos frescos dos interiores do palácio Angeja-Palmela é-nos fornecida pelo escritor Esteves Pereira (9). Filho do primeiro casamento de Pereira Cão, João Manuel Esteves Pereira (1872-1944), de seu nome completo, funcionário público, escritor, historiador da indústria e tradutor, foi co-autor, juntamente com Guilherme Rodrigues, do conhecido *Dicionário. Portugal...* para além de uma vasta obra a solo. No artigo biográfico em que faz a resenha da obra artística do seu pai, ao referir-se ao período de juventude de Pereira Cão em que este trabalhou junto de Cinatti e Rambois refere o seguinte: «Entre os palácios

---

anos e até às vésperas da sua morte. A sua obra é imensa no domínio da cenografia, pintura a fresco e azulejaria. Dele disse o seu primeiro biógrafo: «Pintor genérico, decorador e scenographo, cultivando com distincção, há mais de meio século, o ornato e as flores, em que é exímio, e a pintura cerâmica, especialmente os azulejos. Conhecendo e praticando todos os géneros e processos, antigos ou modernos, da pintura decorativa, interior ou exterior, dos edifícios, taes como: o fresco, as temperas diversas, a óleo, a aquarella, etc., bem se pode considerar pelo menos o nosso derradeiro pintor frescante e o mais operoso dos pintores decoradores que ficaram do século XIX», in *Ob. Cit.*, p. 635. Deixando este artista uma vasta obra desde Braga até ao Algarve, diz-nos ainda Esteves Pereira: «Em Lisboa (...) é raro o palácio que nas suas decorações não tenha qualquer pintura d' este artista» in *Idem, Ibidem*, p. 636.

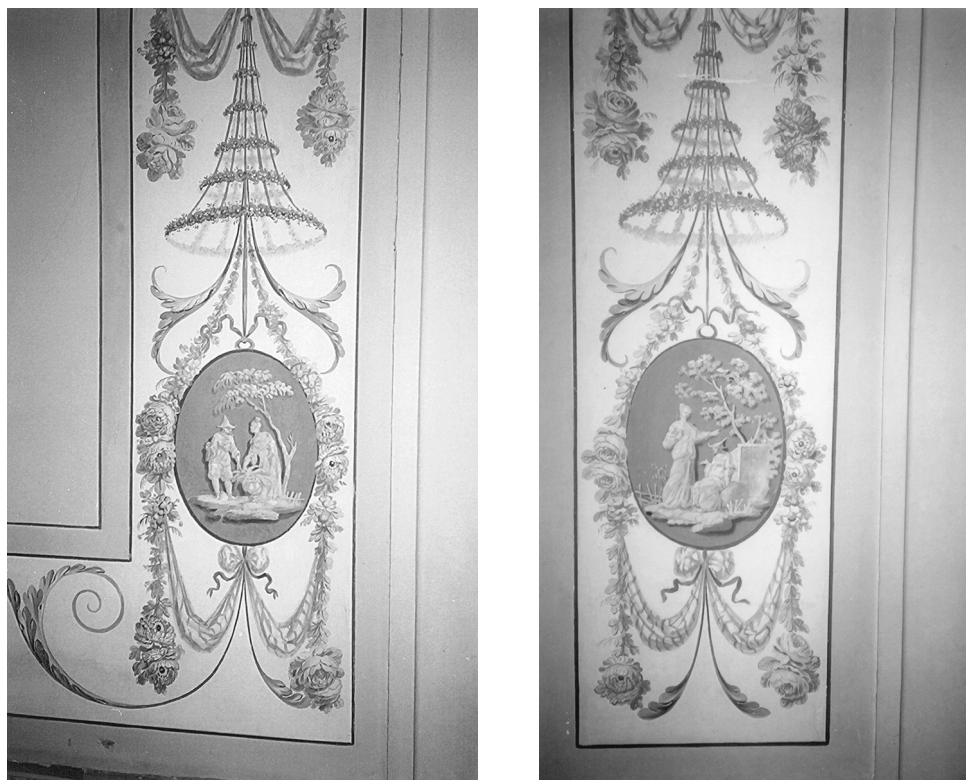
<sup>9</sup> Sobre a dificuldade que permanece em distinguir nos seus trabalhos o que se deve a um e a outro, afirma Esteves Pereira: «É difícil distinguir na colaboração dos trabalhos de Rambois e Cinatti, o que pertence a um e o que pertence a outro; no entanto parece, segundo os contemporâneos, que Rambois era sempre o architecto nos scenarios, e Cinatti o paizagista», in *Portugal. Dicionário ...*, Lisboa, 1904-1915, Vol. II, p. 1036.



*Pormenor da pintura a fresco, com motivos relacionados com a música, de uma das salas deste palácio.*

particulares de Lisboa, que por esta época se decoraram, e onde Pereira Júnior trabalhou ao lado de tão bons mestres<sup>10</sup>, podem mencionar-se: do duque de Palmella, ao Calhariz, e os do mesmo duque em Azeitão e no Paço do Lumiar». Esteves Pereira é uma fonte de inestimável valor, que nos permite identificar grande

<sup>10</sup> Sobre a biografia de Esteves Pereira vide *Dicionário Portugal...*, Lisboa, 1904-1915, Vol. II, p. 217; *Lello Universal*, Porto, Lello & Irmão, s/d., II Vols., Vol. II, p. 513; e também *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.



Sala Oriental. Motivos chinoiserie numa das salas do andar nobre.

parte da obra de Pereira Cão. Ele mesmo chegou, durante a sua juventude, a trabalhar nalgumas obras artísticas<sup>11</sup>, juntamente com o seu pai, acabando depois por enveredar pelo caminho das letras e da política. Mas vejamos em mais pormenor a arquitectura deste palácio de recreio, outrora pertencente à Lisboa fora de portas.

Construído sob a influência da arquitectura pombalina, pois é posterior ao terramoto de 1755, o palácio tal como o conhecemos hoje, vem-nos do tempo do 3º marquês de Angeja. Arquitectonicamente nele destaca-se a ausência de uma fachada principal para o exterior: o acesso era, tal como ainda hoje, precedido de um

<sup>11</sup> Este autor indica ainda outros palácios decorados no mesmo período: «(...) de D. Luiz Carneiro, visconde de Coruche, de Bessone e de Iglezias, todos três sitos ao Largo da Bibliotheca; de António Lopes Ferreira dos Anjos, a S. Mamede, hoje do conde de Fontalva; do Marquez de Vianna, ao Rato, mais tarde do Marquez da Praia e Monforte(...); de Flamiano Anjos, na praça dos Restauradores...in *Ob. Cit.*, Vol. V, p. 635.

pátio de entrada totalmente fechado. Esta casa senhorial de recreio apresenta duas fachadas, uma primeira com três arcadas de cantaria, sóbria e simétrica, apresentando mansarda. A predominância dos planos horizontais confere à estrutura grande solidez, a qual é aligeirada pelos vazios das arcadas. Esta fachada corresponde à entrada principal do palácio que se envolve como uma galilé. No interior, desenha-se uma escadaria de quatro planos, encimada pelo brasão da família proprietária e residente e que desemboca no andar nobre; a segunda fachada, mais elegante do que a primeira, estrutura-se em módulos de pares de janelas com uma dupla varanda central e mansardas. Segue-se a capela com frontão trian-



*Sala de Música. Menino, árvore e aves exóticas.*



gular, um pouco recuada. No tecto da galilé encontram-se as armas dos Palmela encimadas pela coroa de marquês, já que ao tempo ainda não eram detentores do título de duque. No andar nobre agora nos deteremos: ao longo das suas salas, podemos observar valiosos exemplares da pintura decorativa de meados de Oitocentos, que revelam o toque de diversas mãos. Desde as paredes, a pequenos frisos, até às próprias portas ou às suas bandeiras, podemos perscrutar parte do que foram os interiores de Oitocentos, naquele que foi considerado por Vilhena Bar-

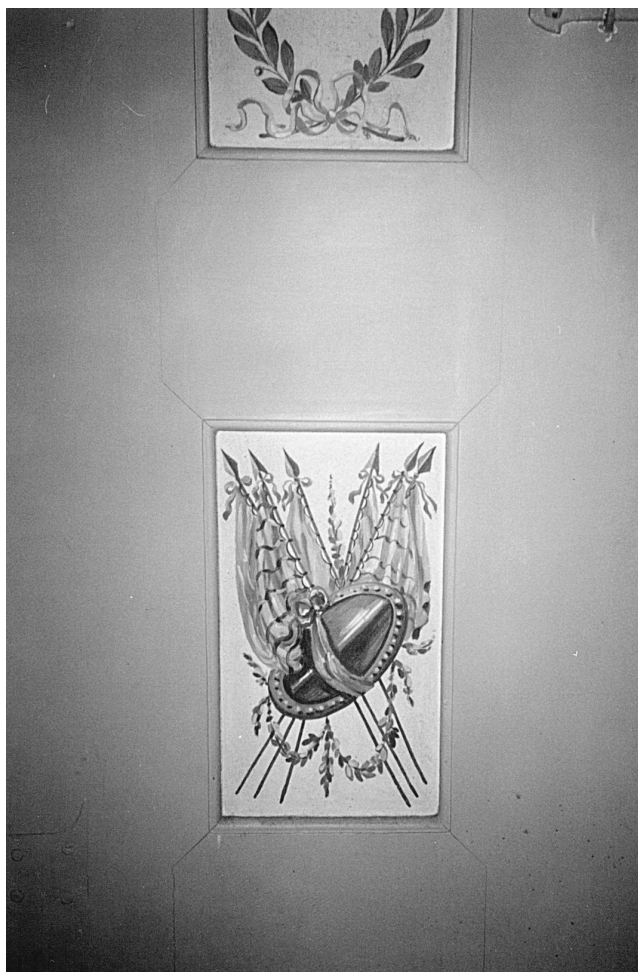


*Sala de Música. Decoração em estilo Império: seres alados, vasos, cornucópias, grinaldas e medalhões com efígies.*

bosa, um dos mais belos palácios nos arredores de Lisboa<sup>12</sup>. A intitulada sala oriental possui a toda a volta um lambrim de azulejos encimado por pintura a fresco que contorna todos os vãos e paredes e apresenta motivos *chinoiserie* tão ao gosto romântico. Um medalhão oval central de cor violeta ilustra uma cena oriental encimada por decorações vegetalistas e por cornucópias de laços e flores. Nestes motivos são evidentes duas (ou mesmo três mãos), mas só com muita ousadia se poderá afirmar o que se deve a um e a outro artista. As próprias portas desta sala apresentam nas suas almofadas uma subtil decoração floral, que simula pender, presa por um laço, uma cinta de flores. A riqueza cromática é variada, suave e doce. A chamada sala da música é de uma muito maior riqueza decorativa e cromática. Percorrendo grande parte das paredes, a pintura a fresco em decoração estilo Império mistura motivos vegetalistas, com pódiums, colunas dóricas templos, aves e seres fantásticos, leques e jarrões, aves canoras e instrumentos musicais, tais como violinos, flautas, pandeiretas e pautas musicais. O ambiente é alegre e festivo e esta corresponderia certamente a uma das principais salas de recepção do palácio. A qualidade plástica é grande e a simetria, perspectiva e fantasia estão bem conseguidas. A contígua sala das armas ou das bandeiras faz *pendant* com a sala anterior e continua-lhe o estilo, agora destacado em temas e objectos marciais que se enrolam e dispõem caprichosamente de modo a obter um belo efeito estético: aljavas com setas, lanças, espadas e outras armas, escudos e bandeiras, rodeados por cordões vegetalistas, coroas de louros e aves majestáticas e simbólicas. A sala seguinte um pequeno hall, que antecede todas as outras salas apresenta unicamente um pequeno friso floral muito simples que percorre simetricamente todas as paredes e que obtém, no seu quase apontamento, um efeito leve e desprezioso. Esta sala é atribuída ao pintor já do século xx, Basalisa. Por fim temos o salão nobre, a maior sala deste palácio, que apresenta um tecto com estuques ornamentais de elevadíssima qualidade, em tons de rosa pálido, branco e cinza claro. Sobre as sete portas que confluem nesta divisão, vemos sobre as suas bandeiras, paisagens marítimas idealizadas, que transmitem diversas atmosferas e estados de alma e em que a presença de margens, cais, ruínas da antiguidade e silhuetas de navios misteriosos sulcam os portos a caminho de terras longínquas. Muito ao gosto romântico, estas sete pinturas devem-se certamente ao pincel de Cinatti<sup>13</sup>, especialista de paisagens. A datação destes frescos pode inscrever-se com alguma pequena margem de erro, no intervalo que fica entre o final da década de 50 e o início e meados da década de 60, do século xix, correspondente ao tempo de convívio e de aprendizagem de Pereira Cão junto daqueles mestres e ao seu contemporâneo encomendador, D. Domingos de Sousa Holstein, 2º duque de Palmela.

<sup>12</sup> *Idem, ibidem*, p. 217.

<sup>13</sup> Vide Vilhena Barbosa, «Fragmentos de um Roteiro de Lisboa» in *Archivo Pittoresco*, (163), T. VI, p. 306.



*Sala das Armas ou das Bandeiras. Almofadas das portas com motivos marciais.*

É esta a riqueza da pintura decorativa dos interiores do palácio Angeja-Palmela, que podemos atribuir sem margem de dúvida às mãos daquela tríade constituída por Cinatti, Rambois e Pereira Cão.

---

<sup>14</sup> Existe ainda uma outra sala com enormes armários cantoneira pintados à mão e uma capela, que escapou ao estudo desta resenha que se dedica, principalmente, à pintura decorativa de interiores da arquitectura civil.



*Salão Nobre. Sobreporta decorada com paisagem de atmosfera romântica.*

Aqueles que visitam o Museu do Traje ou os seus jardins luxuriantes, deverão também deter-se, para além de admirar os trajes e costumes do quotidiano de diversas épocas, na decoração a fresco e nos estuques ornamentais, tão pouco valorizados pela historiografia de arte, e pelos públicos, daquele que foi um palácio às portas de Lisboa e que agora faz parte integrante da cidade.

## **BIBLIOGRAFÍA**

- AAVV, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Limitada, s/d., Vols. II e XXI.
- AAVV, *Lello Universal*, Porto, Lello & Irmão, s/d., Vol. II.
- BARBOSA, Vilhena, «Fragmentos de um Roteiro de Lisboa» in *Archivo Pittoresco*, (163), T. VI, p. 306.
- FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no Século XIX*, Lisboa, Bertrand Editora, 1990, dois vols.
- LEAL, Joana Esteves da Cunha, *Giuseppe Cinatti (1808-1879): Percorso e Opera*, tese de mestrado em História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1997, dois vols. policopiados.
- LEAL, Miguel Nuno Santos Montez, *A Pintura a Fresco entre Dois Séculos: Pereira Cão (1841-1921) e a Pintura Decorativa em Portugal*, tese de mestrado em História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, 2007, dois vols. policopiados.

- PAMPLONA, Fernando de, *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que Trabalharam em Portugal*, Lisboa, Oficina Gráfica Limitada, 1957, Vol. III.
- PAXECO, Fran, *Setúbal e as suas Celebidades*, Oficinas S.N. de Tipografia, 1931.
- PAXECO, Óscar, *Roteiro do Tríptico de Luciano*, Lisboa, Neogravura, 1957.
- PEDREIRINHO, José Manuel, *Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Século I à Actualidade*, Edições Afrontamento, Porto, 1994.
- PEREIRA, Esteves e RODRIGUES, Guilherme, *Portugal. Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Bibliográfico, Numismático e Artístico Ilustrado*, Edições João Romano Torres, Lda., Lisboa, 1904-1915, Vol. V.
- SANTANA, Francisco e SUCENA, Eduardo (dir. de), *Dicionário da História de Lisboa*, Gráfica Europam, Lda., 1994.
- TANNOCK, Michael, *Portuguese 20 th Century Artists. A Biographical Dictionary*, West Sussex, Phillimore & Co. Ltd, 1978.